

ENTRE A PALAVRA POLÍTICA E A PALAVRA POÉTICA

Chegamos à nossa quarta edição de AO LARGO com a alegria que nos move nesse projeto e o desejo de pôr em marcha ideias que venham se juntar às nossas para que possamos estar sempre em estado de reflexão, remexendo o terreno já conhecido, acolhendo o novo. Essa edição abre com um furo de reportagem: uma entrevista inédita do filósofo francês Jacques Rancière, traduzida pelo nosso colaborador Marlon Miguel. O trecho escolhido por Marlon para o título traduz muito bem o percurso do pensamento de Rancière e o quanto ele se alinha à postura editorial de AO LARGO: “O que me interessa é tentar pensar em formas de travessia, ao largo e em diagonal, em relação ao trajeto normal dos saberes sociais.”

Nessa conversa com Julia Christ e Bertrand Ogilvie, Rancière desenvolve seu pensamento político, defendendo o que seria a política hoje e qual o sentido da palavra política. Para o filósofo, o político é o que interrompe a polícia, e nasce das relações de forças que pedem para ser ultrapassadas. A tarefa da política é a de criar mundos (*faire monde*) e criar mundos é uma forma de linguagem. Podemos pensar em como a escrita, por exemplo, poderia interferir no político. Para Rancière, *a igualdade deve ser o ponto de partida e não de chegada*. Criar mundos significa criar *dissensos* – significa romper conexões usuais entre um dado e o sentido que lhe é atribuído. “Pois no fundo o problema é saber o que fazemos de uma não legitimidade: se tentamos erguer barricadas contra ela ou se tentamos, ao contrário, aproveitar a ocasião para observar alhures, para traçar outros caminhos, outros mapas.”

O primeiro artigo dessa edição, de Bernardo Bianchi, *Dois conceitos de emancipação*, conversa diretamente com a entrevista de Rancière, analisando o conceito de emancipação para o filósofo e contrapondo-o ao paradigma da tradição alemã, representada por Kant e Hegel. Como vimos acima, a igualdade é um ponto de partida e não de chegada e, portanto, “antes da emancipação propriamente dita já existem, de acordo com Rancière, sujeitos emancipados.” A política consiste em dar sentido às vozes dissonantes para que elas se transformem em palavra política e para que não sejam

simplesmente mais um ruído. “A verdadeira política se confunde com o fugaz momento da revolta, sendo, nesse sentido, basicamente identificada com uma experiência estética, na medida em que ela envolve a passagem do invisível ao visível, do indizível ao dizível.”

O artigo de Eduardo Jardim traduz de forma mais explícita o tema dessa edição de AO LARGO na medida em que nele palavra política e palavra poética se recobrem. Baseado na leitura feita por Hannah Arendt da *Crítica do Juízo* de Kant, Eduardo propõe uma aproximação da filósofa com o escritor israelense, Amós Oz, defensor da criação do Estado Palestino, apesar de judeu. Para Oz, a sua tarefa como escritor é a de se colocar no lugar de outras pessoas. O pensamento alargado defendido por Arendt é a condição de possibilidade de um mundo compartilhado no qual a palavra política ganha força. Ambos defendem uma ampliação da capacidade de julgar – trabalho da imaginação indispensável tanto à literatura quanto à política.

O artigo de Marília Rothier fecha essa edição da revista ressaltando a importância da palavra poética para a própria tradição da teoria do conhecimento filosófico ocidental. Marília escolhe como objeto *Tutaméia* – a última reunião de narrativas publicada em vida por Guimarães Rosa – e defende a hipótese de que “ao fazer contraponto entre os mestres sertanejos e os pensadores antigos”, Rosa estaria interessado em “recuperar as ‘concepções naturalistas’ destes e revitalizar as cosmogonias míticas.” A fabulação é uma aposta nas várias faces da palavra poética que resiste a ser reduzida a um único sentido e se volta tanto para a *abstração especulativa* quanto para a *concretude sensorial*. “Ao instalar-se no espaço da poesia para pôr no mesmo plano os questionamentos dos filósofos antigos e atuais, as lições do sertão e as da academia, a escrita rosiana deseja legitimar tal espaço como produtor de pensamento.”